

No centro do **tempo**

Texto **TATIANA MENDONÇA** tmendonca@grupoatarde.com.br
Foto **RAUL SPINASSÉ** raul.spinasse@grupoatarde.com.br

Publicada há 60 anos, a obra *O Centro da Cidade do Salvador*, de Milton Santos, ainda é uma chave para interpretar a cidade



No centro do **tempo**

Texto **TATIANA MENDONÇA** tmendonca@grupoatarde.com.br
Foto **RAUL SPINASSÉ** raul.spinasse@grupoatarde.com.br

Publicada há 60 anos, a obra *O Centro da Cidade do Salvador*, de Milton Santos, ainda é uma chave para interpretar a cidade





FOTOS: ADILTON VENEGEROLES / AG. A TARDE

Atravessar a pé a rua Chile, após as 17 horas, na hora do rush, não é coisa fácil”.

As lojas luxuosas deram lugar às populares, o senhor sabe, mas há agora dois hotéis, o Fera e o Fasano, recém-reformados, que parecem dizer, majestosos, que a rua é verdadeiramente vocacionada à sofisticação, descontando-se os intervalos de penúria.

O governador empolgou-se com a cena e disse outro dia que os casarões abandonados no centro – e que a prefeitura estima em cerca de 500 – deveriam dar lugar a “hotéis de luxo”, após as obras que está fazendo em algumas ruas da região. O que ainda o poder público não pôs em prática é um programa sério de moradia na área. E o que é que pode mesmo sobreviver sem gente dentro?

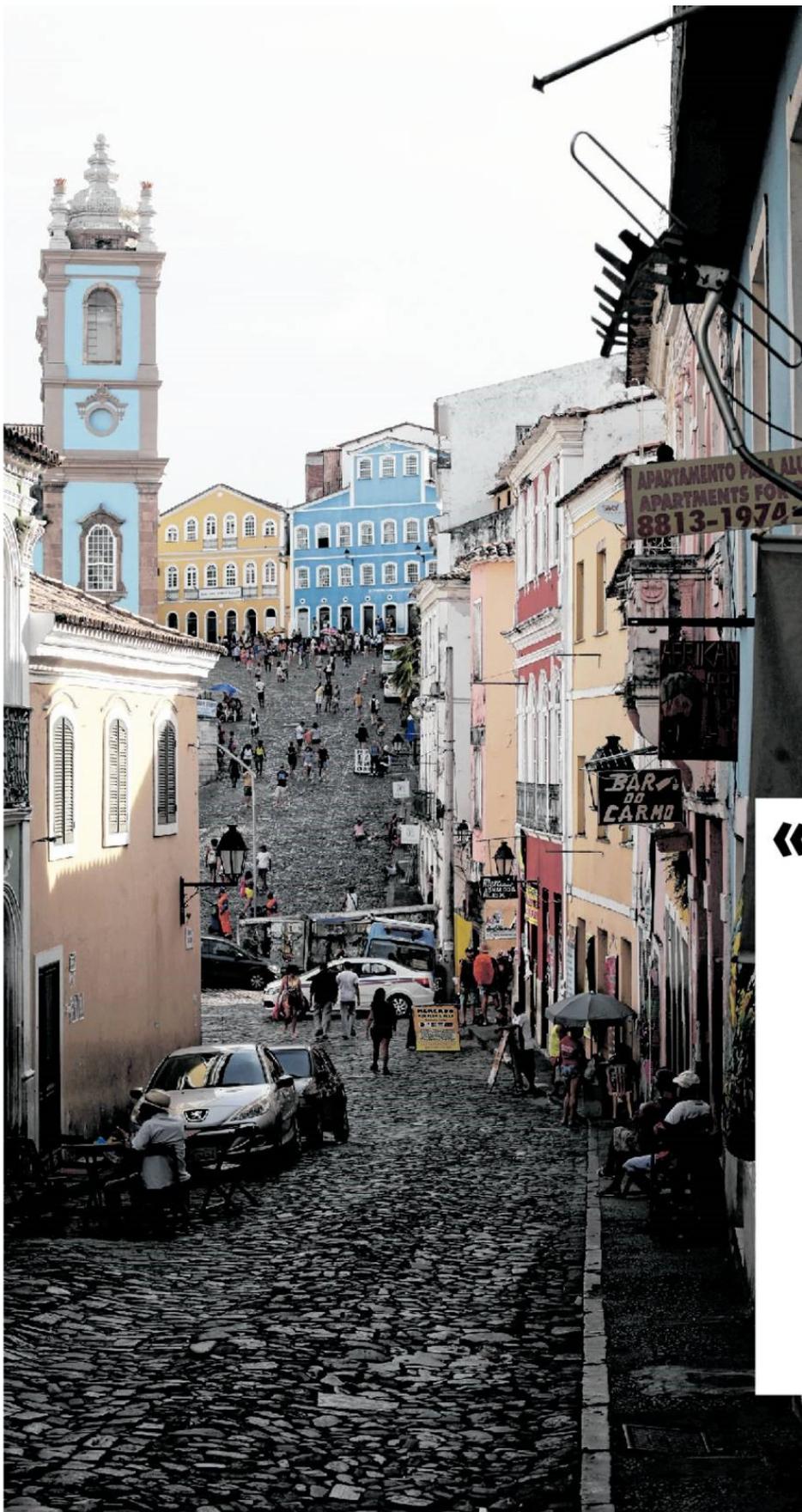
Persistiu uma tendência que o senhor já havia notado, de diminuição da população do centro – delimitado nos seus estudos como os distritos da Sé e do Passo, na Cidade Alta, e da Conceição da Praia e do Pilar na Cidade Baixa. “Se compararmos a população desses bairros com a da cidade inteira, vemos que ela não cessou de baixar desde meados do século XVIII, quando correspondia a 60% do total. Em 1940, não representava mais do que 7,9% e em 1950 cerca de 4,8%”. Hoje, se somarmos a população do Centro Histórico, do Comércio e do Santo An-



A variedade dos traçados, as gerações de construções, esses pedaços do tempo cristalizados na paisagem urbana, significam muito mais que as preferências urbanísticas ou arquitetônicas de uma ou outra época: são o mosaico dos séculos, mas representam também a sucessão das técnicas, toda a evolução da vida urbana, a soma do passado e dos modernos modos de ser, cuja incorporação à vida urbana não se faz sempre segundo o mesmo ritmo.

(O Centro da Cidade do Salvador, Milton Santos, 1959)

Pedaços do tempo



Pelourinho

« O andar térreo de todos esses edifícios é ocupado por comércios e artesanatos. Aí se encontram oficinas de vulcanização, bazares, alfaiates, joalheiros, casas que compram e vendem ferro-velho, consertadores de coisas várias, armazéns, armarinhos, restaurantes baratos, sapateiros, padarias, tipografias, fotografias, barbeiros de terceira classe, açougues, uma pequena fábrica de sabão etc. Nos andares mora uma população heterogênea que vive em condições mais do que precárias.

(O Centro da Cidade do Salvador, Milton Santos, 1959)



Baixa dos Sapateiros

« A rua tem os seus ritmos. Desde manhãzinha, ela é percorrida por veículos coletivos que levam ao coração dos bairros centrais, deixando na Baixinha uma verdadeira multidão de pequenos empregados, operários e domésticos. Mais tarde, os estudantes e os empregados no comércio misturam-se a estes, pois os cursos começam geralmente às 8 horas e as lojas se abrem às 8h30. Depois são os funcionários que utilizam os bondes e ônibus. E, em todas as horas do dia, gente que vem a negócio, donas de casa que fazem compras etc.

(O Centro da Cidade do Salvador, Milton Santos, 1959)

tônio, dá menos de oito mil almas, ou 0,3% da população da cidade, de acordo com dados de 2010, também do IBGE.

E está lá a sua explicação. "A população dos bairros centrais da cidade representa uma forma de utilização do velho quadro, as casas antigas, casas nobres e ricas hoje degradadas. Esse espaço é, entretanto, disputado por outras atividades, que pouco expulsam a população de certas ruas, agora ocupadas pelo comércio. Isso põe em relevo o valor dos efetivos demográficos aí presentes e evidencia a principal característica atual dessa população, isto é, sua pobreza".

Os cortiços que o senhor descreve, os palacetes envelhecidos transformados em residência de famílias vivendo em condições miseráveis, perduram no Pilar, no Passo, na Conceição da Praia. E ao Pelourinho – que o senhor chamou de "bairro leproso", a vida transformada em "verdadeiro inferno" com pessoas morando em cubículos onde "não há luz, nem ar e inexistente higiene" – a expulsão chegou no começo da década de 1990.

Foi revitalizado, propagandeado, virou cenário para uma função que o senhor não previu entre aquelas listadas para o centro de Salvador (portuária, administrativa, comercial, bancária, industrial). Veio a turística, que de algum modo suplantou todas as outras. Os turistas chegam também pelo porto, feito mercadorias. O senhor iria se divertir com a cena deles aportando daqueles navios gigantescos, que mais parecem prédios, e tendo que atravessar um corredor polonês de gente oferecendo tours aos gritos, como se estivessem num pregão.

O New York Times publicou no começo deste ano uma lista com 52 lugares do mundo inteiro para ir em 2019. Daqui do Brasil, só tem Salvador. E ela está lá em destaque justamente por causa do Centro Histórico, e dos equipamentos turísticos que ganhou nos últimos anos, como o Museu do Carnaval. A cidade recebeu, só no ano passado, 9,3 milhões de turistas.

O que não é tão turístico assim, como a Baixa dos Sapateiros, vai se perdendo. O senhor escreveu que passava por ali o "fluxo mais considerável da cidade", maior até que o da rua Chile, e agora a rua está no mais das vezes vazia, com os vendedores nas portas olhando o tempo passar. Ali no miolo, o Cine Jandaia, o Palácio das Maravilhas, parece, oco, abandonado. Era um dos 11 cinemas que havia no centro da cidade em 1956, imersos numa animação viva, como o senhor registra. Foi tombado em 2015 pelo governo do estado, e parece que vai até mudar de nome, mas até agora não há obra nenhuma à vista.

Conversei com um colega seu, o professor Clímaco



Ricos e pobres

« Os palacetes e sobradões envelhecidos, que perderam seu antigo "papel" de residência dos nobres e da gente rica, conhecem agora outras utilizações. Alguns servem exclusivamente à residência pobre. Outras abrigam, no andar térreo, um comércio de transição ou artesanato e, nos outros andares, servem como residência pobre, nas ruas contíguas ao centro comercial, onde se beneficiam da paisagem dos transportes coletivos.

(O Centro da Cidade do Salvador, Milton Santos, 1959)

Dias, e ele me contou que ainda usa, nas aulas que dá na Universidade Federal da Bahia sobre a geografia de Salvador, esse livrinho seu, que considera muito atual. Ele acredita que a obra marca sua saída de uma geografia mais descritiva para uma geografia humanista. "É uma arrancada para os trabalhos magníficos que ele produz na década de 1970 a 1990 quando passa a ser o que se auto-denomina, o Geógrafo do Terceiro Mundo", disse sobre o senhor, baiano de Brotas de Macaúbas e vencedor do Prêmio Vautrin Lud, o Nobel da Geografia.

Falou também sobre a sua teorização de que os pobres, por sua própria existência, são fatores de "transformação" nas grandes cidades. "Não precisam nem fazer a política formal", salientou. Clímaco acredita que o que se mantém mesmo nesse intervalo de seis décadas que distanciam seu registro do lugar é a participação popular no centro de Salvador. "Quando vejo os grupos de samba, o cotidiano das pessoas batendo perna na Av. Sete, na Rua Chile, é Milton Santos falando ali. Isso é de uma permanência e de uma resistência absoluta. O centro continua a ser um lugar de resistência". Sinto que o senhor haveria de concordar. «